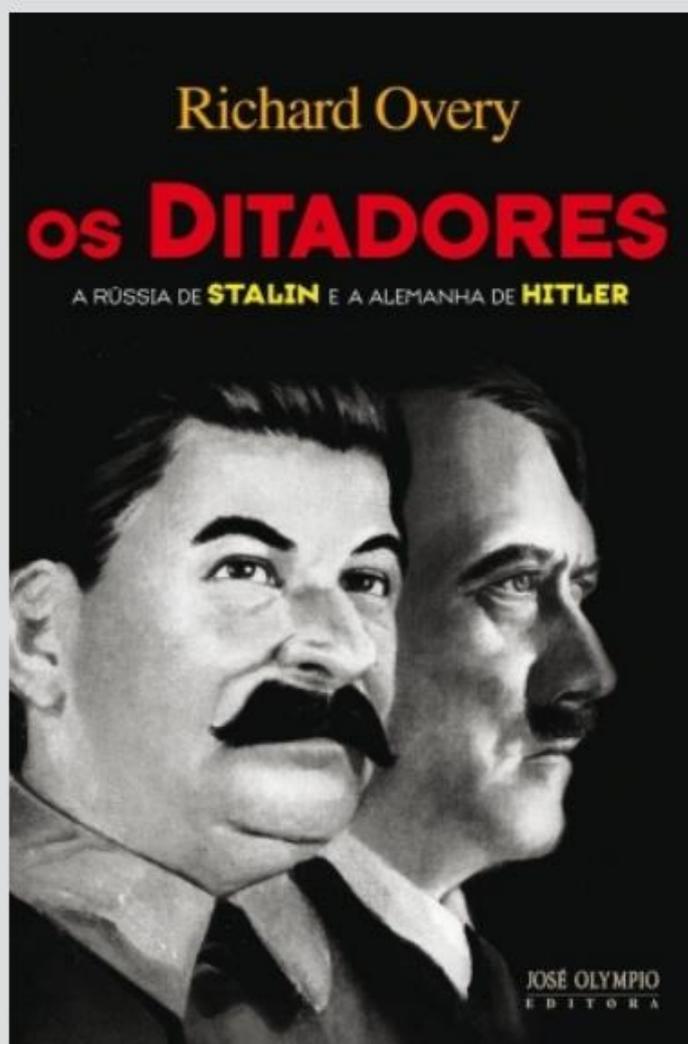


OS DITADORES: A RÚSSIA DE STALIN E A ALEMANHA DE HITLER

The Dictators: Stalin's Russia and Hitler's Germany

Nadia **SAITO** (Formada em História pela Unesp e pós-graduanda em História Social na USP, São Paulo, Brasil)



O tema das grandes guerras mundiais atrai muitos pesquisadores e é dos mais polêmicos por ser ele um daqueles que supostamente apontaria a história como o tribunal da verdade legitimada pelos fatos passados e que (re)posicionaria continuamente os atores no cenário internacional.

Richard Overy,¹ na obra “Os Ditadores: a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler”, produziu uma extensa compilação de documentos tanto da Alemanha sob o nazismo quanto da URSS no período stalinista, com o intuito de caminhar para uma história comparativa centrando-se na imagem dos governantes.²

A obra apresenta-se aos historiadores como fonte de referências e está organizada nos seguintes argumentos gerais: os sistemas frente ao “cientismo”,³ ao antiliberalismo e ao coletivismo, e à construção da utopia para justificar a ditadura. Inicialmente, a literatura traz consigo uma pretensa análise biográfica das duas personalidades. Não obstante, traz um agudo caráter jornalístico caracterizado pela postura com que discute as informações cedidas pelo grande número de fontes. Os capítulos que se seguem descrevem as metodologias e culturas políticas de cada governo, seguindo o fio condutor do culto à personalidade relacionada à política de Estado.

Overy constrói uma narrativa em que expõe “os ditadores” como imagens construídas e evidencia que o controle total da sociedade foi inexequível; no entanto ressalta que as personalidades tiveram papel preponderante ao cenário econômico em vigência.

Na construção desta obra, o autor considera que o termo totalitarismo, mais difundido nos anos do imediato pós-Segunda Guerra Mundial, é insuficiente e propõe um novo conceito que é o de holismo, no qual procura explicitar a aderência “não forçada” da população ao sistema, com a finalidade de desmistificar a ilusão de totalidade que delineia os chefes de Estado, seriam como responsáveis e fundamentais por todo o regime instaurado.⁴ Pretende com isso tratar a centralidade dos chefes de forma a encará-los como protagonistas de seu cenário nacional, que para ele é sua contribuição mais valiosa para historiografia referente ao assunto. Em consequência privilegia uma óptica particularizante em contraposição a uma análise estrutural da economia e daquele panorama mundial, frente aos interesses políticos envolvidos de cada nação; atendendo, assim, a uma superficial diferenciação entre Hitler e Stalin. Tal artifício permite que as duas autoridades possam ser aproximadas em uma mesma tipologia de governo, desviando-se da questão ontológica de cada caso. O texto apologético de Overy, previsivelmente, começa com uma pergunta que contém uma prosaica retórica, isto é, “... pode-se comparar as ditaduras de Stalin e Hitler? Elas devem ser comparadas? Tzvetan Todorov, num livro recente sobre a crise do século XX, respondeu que sim a ambas, baseando-se em que compartilharam as características comuns de um único gene político: o totalitarismo.” (p.15).⁵ Para Overy, apenas o fato de ter havido, aquilo que ele chama de distorções *da verdade* naqueles regimes foi fator basilar para aproximar os dois numa mesma tipologia.

O autor ressaltou a história de vida das personalidades tornando a obra um trabalho de pesquisa minucioso sobre os arquivos de Estado abertos até então, tanto russos quanto alemães. Em sua opinião, perseguir os vestígios que não puderam ser registrados seriam essenciais para a reconstituição da história, e, sobretudo, ele toma como obrigatória a imersão nos arquivos pessoais para que a verossimilhança possa ser alcançada. Esforço que visaria *desmascarar* a figura dos líderes de tal forma a se reconhecer um conteúdo humano atrás dos estereótipos estabelecidos com fins político-ideológicos específicos. Contudo, no percurso de sua exposição, o excesso de detalhamento acaba descompassando-se da realidade conjuntural

daquele período, algumas vezes considerando a contingência como único fator autêntico, a ser ponderado no trajeto destes governantes ao poder.

Overy, apostando na comparação, concluiu que ambos os *ditadores* têm em comum um padrão ideológico totalitário/ holístico, apesar de apresentarem peculiaridades em suas sociedades. Uma importante consideração a ser feita é a de que o diagnóstico teve como modelo o regime nazista, demonstrando depois as regularidades entre os dois sistemas. A vasta descrição justaposta das semelhanças e diferenças entre os instrumentos de controle e de coação, não atende às definições estruturais de cada um, como por exemplo de que modo os dois sistemas seriam produto de forças sociais e de ideologias diversas, apesar da comparação.⁶ Ambos os sistemas não podem ser reduzidos apenas aos seus crimes, estatísticas e descrições de seus aparatos de poder, há de se observar que ambas nações estavam envoltas num panorama comum – aquele mundial – mas que ainda assim conservavam suas diferenças de origem e de teor ideológico determinantes para o rumo político dos atores, em projeção nacional e internacional.

A composição personalista de Overy, quando apresentada pela primeira vez nos anos 1980, causou grande polêmica – pois se sustentava hegemonicamente uma análise em que se favorecia uma visão político-econômica da história – e começou a ganhar espaço a partir dos anos 1990, ventilando o assunto entre os estudiosos.⁷ Neste ínterim, o autor acaba consentindo a uma análise que valoriza a ditadura a partir mais das intenções dos líderes em relação aos interesses da nação (da relação entre ideal e realidade) e menos da conexão que possa existir, a exemplo, do nazismo com um fenômeno maior que atende aos interesses da sociedade do capital. A liderança do chefe, neste sentido, seria o principal diferencial de ação dos Estados de Hitler e de Stalin. Para ilustrar a importância dirigente, Overy reserva descomunal número páginas de seu capítulo “Arte de governar” para descrever aqueles que faziam parte do *entourage* de cada governante e suas funções perante o “ditador”; ou ainda como no capítulo “O universo moral da ditadura”, evidenciando o modo como os discursos do poder dos respectivos líderes forjaram e edificaram sua sociedade.

Oportunamente, o autor utiliza o método comparativo para revisitar a caracterização das personalidades e da relação dos sistemas com a ciência, e para analisar como as populações responderam aos estímulos destes sob o nome de uma revolução contra o individualismo e o sistema capitalista; privilegiando a descrição do comportamento do chefe de Estado (estratégias políticas e sociais, padrões comuns de autoridade e participação popular) frente às ações de que ele necessitava naquele momento (ou seja, a forma com que eles conseguiam *deturpar a verdade*) e desautorizando a possibilidade de leitura que compreenda a base econômica e os imperialismos como questões políticas anteriores.

“O caminho para a ditadura trilhado pelos dois homens foi imprevisível e não planejado. Os dois eram impelidos por uma notável determinação de ocupar o que viam como um lugar necessário na História, mas essa vontade sem remorso casava-se com uma obsessão com os detalhes táticos da luta política, um ressentimento não natural com qualquer um que comprometesse ou obstruísse suas ambições políticas e uma busca sem princípios de estima pública. Era uma combinação impiedosa. Era fácil deplorar a fraqueza da oposição que enfrentavam, mas é impossível manobrar homens que julgavam carregar o peso da história nas costas e dispostos a usá-lo, se pudessem, para esmagar os homens ou circunstâncias em seu caminho. Embora oportunidades imprevisíveis e sorte pura e simples desempenhassem um papel na explicação

de suas histórias pessoais, Stalin e Hitler não foram ditadores acidentais.” (p.74) “Os dois foram produto de um determinado momento na história que permitiu a criação de um elo único entre a população e líder que sobreviveu enquanto eles continuaram vivos.” (p.115)

Ao fim, a obra manifesta que o debate acerca do totalitarismo e sobre os dois fatos históricos ainda não são consensuais. A publicação, ainda que contenha uma análise cirúrgica das personalidades inseridas na conjuntura político-econômica, desvirtua uma apreciação mais profunda às fontes de maneira que compromete o debate historiográfico devido a sua amplitude privada de rigor científico.

OVERY, Richard; SANTARRITA, Marcos (trad.). *Os Ditadores: a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. Edição inglesa de 2004.

Notas

1. Historiador inglês, professor e pesquisador em História Moderna na King's College (Londres, Reino Unido).
2. “Os Ditadores foi escrito com dois objetivos em mente: primeiro, fornecer base empírica sobre a qual construir qualquer discussão sobre o que tornou os dois sistemas semelhantes ou diferentes; segundo, escrever uma história ‘operacional’ comparativa dos dois sistemas, a fim de responder à grande pergunta histórica sobre como a ditadura pessoal de fato funcionava. A resposta a esta pergunta é fundamental para compreender como as duas ditaduras surgiram e o que manteve suas existências até a morte dos ditadores.” (p.17)
3. Richard Overy descreve que o cientismo seria a sanção das leis da natureza e da história através da ciência, que legitimaria as ações daqueles líderes políticos, a partir do entendimento de que as sociedades seriam um organismo social em que o indivíduo estaria suprimido.
4. O conceito de totalitarismo, em nossa opinião, trouxe contribuições pouco frutíferas para o estudo histórico comparativo, já partindo de um pressuposto ontológico superficial e que teoriza sobre uma essência criminalizante do fato social. Substituir o conceito de totalitarismo para o de holismo tão pouco resolveria a controvérsia que se dá no âmbito teórico-metodológico e não naquele da nomenclatura.
5. “por que, nos anos após a Primeira Guerra Mundial, surgiram duas formas extremas de ditadura, ampla e popularmente endossadas, cujos líderes pregaram a ideias de uma comunidade exclusiva, holística, unida coletivamente na busca de uma utopia absoluta?” (p.644).
6. Neste sentido, é importante ressaltar a consideração de Enzo Traverso, em “Il totalitarismo”, obra publicada em 2002: “I concetti di non-contemporaneità o di patologia della modernità possono probabilmente essere applicati sia allo stalinismo sia al nazismo, ma occorre pur sempre precisare la natura della patologia e definire gli elementi eterogenei che entrano in contatto e si articolano all'interno di uno stesso sistema. In questa prospettiva, stalinismo e nazismo rivelano le loro differenze: uno deportava, schiavizzava e usava milioni di esseri umani per costruire ferrovie e industrie chimiche, l'altro utilizzava reni e prodotti chimici per uccidere degli esseri umani. Il fatto che queste due forme di dominio siano all'origine di milioni di morti li rende senza ombra di dubbio ugualmente condannabili – non vi è gerarchia dell'orrore, né vittime più degne di altre di memoria o rimpianto – ma non elimina questa differenza che deriva, in ultima istanza, dal loro rapporto antinomico con il razionalismo dei Lumi, di cui l'uno si voleva erede, l'altro affossatore. È precisamente questa differenza che la nozione di totalitarismo, limitandosi a sottolineare gli elementi comuni a questi due regimi, tende a occultare.” (pp.170 e 171).

Conferir debate entre Timothy Mason e Richard Overy